

ENSINO DE HISTÓRIA NO VALE DO JAGUARIBE: O ALUNO DE GRADUAÇÃO E A REALIDADE DAS ESCOLAS

José Olivenor Souza Chaves¹

A proposta desta pesquisa surgiu na disciplina de Metodologia do Ensino de História, ministrada no semestre 2009.1, no curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM². Como professor responsável pela referida disciplina, busquei transformá-la, também, num laboratório de pesquisa para que os alunos pudessem estudar um pouco da história do ensino de História no Brasil, tendo, ao mesmo tempo, a oportunidade de conhecer, empiricamente, a realidade do mesmo nas escolas públicas do Vale do Jaguaribe.

Através de uma atividade de iniciação à pesquisa, tinha por intenção aproximar o aluno de licenciatura da prática efetiva do magistério no ensino fundamental e médio, no qual, provavelmente, muitos irão se inserir enquanto profissionais. Ao propor esta atividade, intencionava, também, superar o dilema entre formar professores ou formar pesquisadores, pois entendo que nossa disposição deva ser, sempre, a de formarmos, com competência, a partir da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, o bom historiador com amplas capacidades de atuação na área do magistério e da pesquisa histórica.

A disciplina, acima referida, foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, em sala de aula, tivemos por objetivo estudar algumas temáticas que julgamos importantes para a reflexão em torno do ensino de História. Para isto, elegemos alguns dos principais autores que, nos últimos anos, têm se debruçado sobre a questão do ensino de História no Brasil. Entre as temáticas destacadas para estudo, sobressaíram àquelas que se acham relacionadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais; aos desafios da iniciação do aluno ao pensamento e ao conhecimento histórico; à formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula; a tríade sala de aula, biblioteca e prática da pesquisa, fundamental para despertar no aluno o sentido e o

¹ Professor do curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE.

² Com sede na cidade de Limoeiro do Norte, região do Baixo Jaguaribe, a FAFIDAM é uma das unidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE, localizada no interior do Estado. A FAFIDAM congrega alunos dos mais diversos municípios do Vale do Jaguaribe. As cidades contempladas nessa pesquisa foram: Limoeiro do Norte, Morada Nova, Alto Santo, São João do Jaguaribe, Quixeré, Jaguaruana, além do distrito de Flores, no município de Russas.

sentimento da autonomia na busca e construção do conhecimento; à História local como instrumento metodológico de pesquisa e produção do conhecimento; à questão da avaliação, assim como da relação entre Identidade nacional, cidadania e ensino de história.

No segundo momento, os alunos, divididos em pequenos grupos, a partir da cidade de origem dos mesmos, tiveram total liberdade para definir a escola e o nível de ensino em que realizariam a atividade de pesquisa. As diretrizes que iria orientar cada um dos grupos, foram recortadas dos conteúdos que já haviam sido discutidos em sala de aula. Portanto, o olhar de cada aluno/pesquisador se achava orientado e inspirado pelas diversas reflexões feitas, coletivamente, no primeiro momento da disciplina. De maneira ampla, podemos dizer que o objetivo da atividade de pesquisa a ser desenvolvida nas escolas era a de perceber em que medida o que se havia estudado se aproximava, por assim dizer, da realidade observada nas salas de aula do ensino fundamental e médio. Apesar das principais diretrizes do trabalho de pesquisa já terem sido capturadas na leitura dos textos teóricos, devemos esclarecer que todos os alunos/pesquisadores já estavam orientados para buscarem perceber, no *lócus* da pesquisa, ou seja em cada escola, as particularidades, o que havia de singular no contexto da sala de aula e no processo de ensino-aprendizagem.

Depois de concluída a atividade de pesquisa, os alunos/pesquisadores tinham por meta produzir os relatórios de pesquisa, os quais serviriam como instrumentos para inaugurarmos, por assim dizer, um ciclo de estudos, de debates, sobre o ensino de História nos níveis fundamental e médio, destacando, em especial, a formação que o curso de História da FAFIDAM está oferecendo para seus alunos, quanto ao domínio dos conteúdos teórico-metodológicos e historiográficos, para que os mesmos, com mais competência, possam atuar na rede pública e particular de ensino fundamental e médio. Do mesmo modo, faz-se oportuno, também, o debate sobre o perfil dos nossos alunos de graduação, no que se refere à parte que lhes cabe no processo de sua formação intelectual e pedagógica. Julgamos ser sempre oportuna a criação de canais de diálogo com professores e alunos do ensino fundamental e médio, objetivando tornarmos mais efetiva à integração entre todos aqueles que se pensam e se sentem responsáveis pela qualidade do ensino de história.

Para isto, mais uma vez, ressalto a importância da pesquisa dentro do processo de formação acadêmica de nossos alunos. Estamos cientes do quanto a pesquisa é um expediente indispensável no ensino de graduação, sobretudo quando esta se acha voltada para as demandas que dizem respeito ao ensino de história, considerando, aqui, toda a sua complexidade. Portanto, através da prática da pesquisa, de maneira mais propositiva, estaremos colocando o graduando de História diante de inúmeras possibilidades que farão nele despertar o veio de suas capacidades intelectuais, indispensável no processo de superação dos desafios com os quais irá se deparar enquanto pesquisador e no exercício de sua prática docente.

Ao final dos trabalhos de pesquisa, foram produzidos seis relatórios que, de maneira resumida, passo a apresentá-los.

No primeiro relatório, *Ensino de História: vocação, compromisso, habilidades*, foi apresentando alguns dos desafios que se apresentam ao professor de História no exercício de sua prática docente. Entre outras questões, a análise contemplou a história do Ensino de História no Brasil e o papel do professor na elaboração do conhecimento histórico.

O segundo relatório, *Ensino de História: entre o ideal e a realidade*, apresentou a realidade de duas escolas, uma pública e outra particular. Num estudo comparativo, entre ambas as escolas, foram analisadas questões voltadas para as metodologias de ensino, abordando de modo mais particular o uso do livro didático e das novas tecnologias de ensino, assim como a prática da pesquisa no ensino de História.

No terceiro relatório, *“Tem que valer pelo menos um dez”: ensino, pesquisa e avaliação no Ensino de História*, abordou-se o cotidiano da sala de aula, além de outras questões voltadas para o conhecimento, à prática da pesquisa e os métodos de avaliação no ensino de História.

No quarto relatório, *Ensino de História: a escola pública e a prática pedagógica*, investigou-se a metodologia de ensino empregada pelos professores, à utilização de recursos didáticos, a relação entre ensino e pesquisa, além das dificuldades que os docentes encontram no cotidiano da sala de aula.

O quinto relatório, *Ensino de História: o professor, o aluno e a sala de aula*, analisou o papel do professor e do aluno na transmissão e construção do conhecimento,

a relação entre livro didático e recursos tecnológicos, além da avaliação como instrumento de ensino.

No sexto e último relatório, *O Professor de História: entre o livro didático e os recursos tecnológicos*, a reflexão versou sobre as dificuldades encontradas no ambiente da sala de aula, tanto no que concerne à utilização dos recursos tecnológicos, como na aplicação das metodologias por parte do professor.

Analizados em seu conjunto, nos foi possível fazer um inventário das principais problemáticas enfrentadas por professores e alunos dentro do processo de ensino-aprendizagem, as quais, a partir de agora, passaremos a expor de maneira também lacônica.

Infraestrutura

De maneira geral, as escolas apresentavam precárias condições para o desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem. As salas de aula, de modo particular, são pequenas, destituída de um mínimo de conforto para os alunos permanecerem bem acomodados, sem um sistema de refrigeração ou ventilação adequado, o que torna ainda mais excessivo o calor em virtude da grande quantidade de alunos, além do barulho provocado por ventiladores sem manutenção, pelos próprios discentes e pelas conversas que se fazem ouvir dos corredores e galerias das escolas. Não resta dúvida que cada uma dessas dificuldades acaba por interferir na concentração dos alunos e professores, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem.

Recursos Didáticos

Nas escolas pesquisadas, entre os recursos didáticos, o quadro negro ainda se mantém como sendo o mais utilizado. No que se refere à utilização dos equipamentos de informática, foi possível constatar uma grande dificuldade por parte dos professores em adotá-los como recurso didático capaz de fomentar novas metodologias de ensino-aprendizagem. Segundo os professores entrevistados, os alunos, quando utilizam os laboratórios de informática, acabam ficando ainda mais dispersos, pois se perdem acessando sites de relacionamentos em vez de realizarem os trabalhos de pesquisas propostos como atividades de aula. Por outro lado, o uso do computador como ferramenta de pesquisa limita-se ao ato de selecionar/copiar/colar fragmentos de textos

disponíveis na Internet, sem que o aluno proceda à leitura e a interpretação do que está sendo “pesquisado”. Alguns alunos sequer sabiam manusear o equipamento. A utilização das novas tecnologias de ensino tem expressado, entre os professores, uma relação no mínimo contraditória: por um lado, observou-se um sentimento de repulsa, capaz de neutralizar ou desviar as possibilidades de “transformação” da escola através dos recursos oferecidos pelos equipamentos de multimídia; por outro, quando acolhidas pelos professores, as inovações tecnológicas têm sido normalmente usadas como “técnica” de ensino, como estratégias para preencher ausências de professores, ou, como recursos para tornar as aulas menos enfadonhas. Diante dos relatos colhidos, podemos dizer que tem sido superficial a adequação das novas tecnologias ao processo de ensino-aprendizagem. A nosso ver, a não exploração das potencialidades dos novos equipamentos se justifica pela falta de compreensão do que representa a inovação tecnológica dentro do processo de ensino-aprendizagem. Não podemos compreender as novas tecnologias como sendo simplesmente um produto. A utilização de tais inovações pressupõe, por parte do professor, uma tomada de atitude, uma nova maneira de ser, e estar na educação.

Livro Didático

No que diz respeito à seleção e escolha do livro didático, constatou-se, com base no depoimento de alguns professores, certa apatia no momento de avaliar e propor a escolha de um livro de conteúdo mais inovador, que supere as abordagens positivistas, de modo a propor atividades que venham contribuir com o desenvolvimento intelectual dos alunos, levando-os a refletirem sobre a História, sobre a vida. Na verdade, muitos livros didáticos recebem o título de “inovador” simplesmente por estarem divididos por temáticas e por fazerem uso recorrentemente de imagens, como pinturas históricas ou fotografias, sem que as mesmas estejam devidamente problematizadas. De posse do livro didático, o professor deve estar compenetrado da necessidade que tem de pensar o conteúdo a ser ensinado como um processo em construção, negando, desta forma, a ideia do conhecimento pronto e acabado, tão presente nos materiais didáticos tomados como verdade.

Métodos de Avaliação

Quanto aos métodos de avaliação, os professores consideram ser esta uma difícil etapa dentro do processo de ensino-aprendizagem. De maneira geral, o processo avaliativo, entre os professores entrevistados, é composto de provas, questionários, ficha de registro de assiduidade, participação, desempenho, dentre outros elementos avaliativos. Na intenção de inovar o modelo empregado na elaboração das avaliações, uma das professoras ressaltou que tem buscado, na proposta do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, uma alternativa para qualificar o conteúdo das questões propostas. O enunciado de cada questão, por ela elaborada, passou a ser formulado a partir de fragmentos de textos tomados como referência. Para a professora, esse modelo de prova exige maior esforço reflexivo por parte dos alunos, bem como o domínio do conteúdo explorado. No entanto, o tradicional questionário também foi mencionado pelos professores como parte do processo avaliativo, apesar do mesmo não oferecer uma compreensão interpretativa da História, notabilizando-se, ao contrário, pelo convite à memorização, a apreensão passiva do conteúdo estudado, e, conseqüentemente, ao desestímulo do aluno. Compreendemos que todo processo de avaliação deve levar em conta o que o aluno aprendeu, destacando à sua capacidade de, no contexto da avaliação, situar e ordenar acontecimentos articulados dentro de um determinado recorte espaço-temporal; construir narrativas históricas; saber lidar com as fontes de pesquisa; formular a articulação entre presente, passado e futuro; elaborar hipóteses; entre outras questões.

Ensino e pesquisa

No processo de ensino-aprendizagem, o professor deverá assumir o desafio da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa. Para que esta aconteça de maneira satisfatória, é preciso que o professor procure estabelecer uma relação entre o conteúdo das aulas e o cotidiano dos alunos. Sendo conhecedor da realidade em que vivem seus alunos, ficará mais fácil fazê-los perceber a necessidade de estudar e compreender a História através do espaço vivido. O estudo da história da cidade, do bairro, constitui-se numa importante ferramenta para a construção da identidade dos alunos, despertando, em cada um deles, a capacidade para: saber interpretar um determinado processo histórico vivido pela comunidade; melhor compreender a noção de sujeito histórico e de cidadania; perceber-se como responsável pela preservação de todo e qualquer

patrimônio histórico, especialmente aqueles que dizem respeito ao bairro e a cidade onde mora. Portanto, ao envolver os alunos em um determinado projeto de pesquisa, voltado para a história local, o professor estará rompendo com as fronteiras da escola, com a monotonia das aulas e, ao mesmo tempo, encorajando os alunos a se desvencilharem da acomodação, da preguiça, fazendo-os se sentirem sujeitos históricos e produtores de conhecimento.

O professor e seus desafios

No exercício de sua atividade profissional, alguns desafios exigem do professor competência para saber articular formação intelectual e pedagógica às próprias convicções e experiências de vida. No processo de ensino-aprendizagem, mais do que um ambiente de transmissão de conhecimentos, a sala de aula deve constituir-se num espaço da cumplicidade e do bom relacionamento entre professor e aluno. O professor deve, pois, estar preparado para assumir o papel de mediador, na construção do conhecimento, e de verdadeiro educador, despertando no aluno não apenas a condição de produtor de saber, mas, também, sentimentos que enobreçam seu caráter, que lhe dê dignidade e que favoreçam o exercício de sua cidadania. Para isto, é fundamental que o professor tenha, além de conteúdo intelectual, uma boa estrutura moral e emocional. No que se refere à sua formação acadêmica, é imprescindível ser possuidor de uma clara concepção de história, esclarecendo e ensinando os alunos a pensarem historicamente, a refletir acerca das noções de tempo e espaço, além de outros conceitos indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem que visa despertar no aluno a consciência de que ele é, também, um “fazedor” da história. A formação intelectual e pedagógica do professor deve ser, portanto, contínua. Além desses desafios, outros de ordem mais prática também exigem do professor vocação e compromisso: a precariedade do sistema educacional e das escolas; a falta de reconhecimento profissional, refletido no pagamento de baixos salários e a desestruturação social e familiar que, diretamente, afeta a escola e o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto de incertezas, de crise de valores e atitudes em que vive a sociedade contemporânea, ser professor/educador assume um papel de extrema relevância, cabendo a ele não apenas transmitir conhecimentos, mas, educar o aluno para a vida, despertando no mesmo um senso de responsabilidades para consigo próprio e para com a sociedade e a natureza.

Gostaria de ressaltar, ainda, que a pesquisa não teve como propósito fazer um diagnóstico da realidade do ensino de história nas escolas públicas e particulares do Vale do Jaguaribe, nem muito menos teve a intenção de ser uma crítica direcionada aos professores, alunos e escolas, nas quais foram realizados os trabalhos de pesquisa. No entanto, esperamos, de algum modo, que os resultados de nossa investigação, reunidos no livro **Muito além do saber e do ensinar: teoria e prática no ensino de história no Vale do Jaguaribe**, possam contribuir para qualificar o ensino de história em seus diversos matizes, de modo a rompermos com um modelo de ensino no qual a história é apresentada de maneira linear, sacralizada, sem que se valorize a reflexão crítica e a pluralidade de sentidos que deve, por assim dizer, alimentar o estudo da História. No que diz respeito aos alunos envolvidos na pesquisa, não podemos mensurar o quanto a experiência vivida foi importante para a formação acadêmico-profissional de cada um deles.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe. “Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história”. In BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRINI, Conceição; *et alii*. “O desafio da iniciação histórica do aluno ou que lhe podemos sugerir”. In. **O Ensino de História: revisão urgente**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FLORES, Elio Chaves. “Laboratórios de História: espaços híbridos e linguagens alternativas”. In FLORES, Elio Chaves, BEHAR, Regina (orgs.). **A Formação do Historiador: tradições e descobertas**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2004.

FONSECA, Thais Nívea de Lima. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. “Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação”. In. SIMAM, Lana Mara de Castro, FONSECA, Thais Nívea de Lima (orgs.). **Inaugurando a História e construindo a nação: discurso e imagens no ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas-SP: Papirus, 1993.

GONTIJO, Rebeca. “Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como ‘patrimônio sociocultural’”. In ABREU, Martha; SOIHER, Rachel (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JANOTTI, Maria de L. Monaco. “História, Política e Ensino”. In BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KNAUSS, Paulo. “Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa”. In NIKITIUK, Sônia (org.). **Repensando o Ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996.

MARSON, Adalberto. “Reflexões sobre o procedimento histórico”. In SILVA, Marcos A. (org.). **Repensando a História**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

MUNAKATA, Kazumi. “Histórias que os Livros Didáticos não Contam, Depois que Acabou a Ditadura no Brasil”. In FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

NADAI, Elza; BITTENCOURT, Circe M. F. “Repensando a Noção de Tempo Histórico no Ensino”. In PINSKY, Jaime (org.). **O Ensino de História e a Criação do Fato**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas**. 5ª ed. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “A Formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula”. In BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. “A construção de conceitos históricos”; “História local e o ensino de história”; “A Avaliação em História”. In **Ensinar História**. São Paulo: Scipioni, 2004.

SILVA, Marcos A. **História – o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. (org.). **Repensando a História**. São Paulo: Marco Zero, 1994.